

HUMBERTO EUSTÁQUIO SOARES MARTINS*
Desembargador do Tribunal de Justiça de Alagoas

O que têm em comum a Geórgia, ex-república soviética, situada na Ásia, que faz fronteira com a Rússia, Armênia e Azerbaijão, e a Bolívia, país sul-americano que faz fronteira com o Brasil, Peru, Chile, Argentina e Paraguai? O que têm em comum os ex-presidentes Eduard Shevardnadze, da Geórgia, e Gonzalo Sanches de Lozada, da Bolívia, além de terem sido depostos por rebeliões populares que não puderam ser contidas pelas instituições, inclusive as forças armadas?

Shevardnadze e Gonzalez são de faixas etárias aproximadas – mais de 70 anos – são calejados políticos, passaram partes de suas vidas no exterior – o georgiano na Rússia e o boliviano nos Estados Unidos – e foram eleitos com a promessa de proporcionar estabilidade política, econômica e social a nações que atravessam dificuldades de toda sorte.

A Geórgia teve alguma primazia no trato de suas questões durante o período em que foi primeiro-ministro e secretário-geral do Partido Comunista da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, URSS, Joseph Stálin, durante as décadas de 30, 40 e 50 do século passado. Pelo fato de ser a terra natal do famoso estadista que comandou os povos da URSS na vitória contra a Alemanha nazista.

Após a morte de Stálin, não conseguiu sacudir o subdesenvolvimento, a corrupção e outros males, agravados com o desmoronamento da URSS, há quase 15 anos. Transformada em república independente, depois de algumas convulsões internas, vitimada que é por graves dissensões, escolheu Schevardnadze como seu presidente, na esperança de que o prestígio do estadista conseguisse carrear recursos internacionais para sua recuperação.

Explica-se: o presidente agora deposto foi ministro das Relações Exteriores do ex-primeiro-ministro Gorbachov, responsável pelo desmanche da URSS, e teve grande influência na decisão de Moscou de permitir a reunificação alemã e outras propostas do interesse do Ocidente e dos Estados Unidos em especial. Schevardnadze realmente carrou esses recursos, que foram entretanto insuficientes para mitigar as necessidades de um país mergulhado na incompetência e na corrupção.

Para se ter uma idéia do quanto a Geórgia recebeu de dinheiro americano, mencione-se que, pelo critério de população beneficiada, está em segundo lugar, logo após o Estado de Israel, que engole por mês U\$ 500 milhões de dólares.

A Bolívia, historicamente atrasada, tem seus problemas agravados pela tentativa governamental de reduzir o plantio de coca, desempregando milhares de famílias, principalmente indígenas, que vivem da atividade.

A gota d'água no descontentamento popular foi um acordo com o Chile para exportar gás através de portos andinos tomados à Bolívia durante guerra ocorrida no século dezenove entre as duas nações.

O apoio explícito dos Estados Unidos a Gonzalez de Lozada foi insuficiente para mantê-lo no poder.

A derrocada de Schervardnadze e Lozada é uma lição para presidentes que, embora eleitos legalmente, não conseguem corresponder a um mínimo das aspirações populares.

É um sinal de alerta.

Crises idênticas deverão ocorrer em outras nações, com desfechos imprevisíveis.